

Mas causa preocupação Pesquisa consagra Sarney

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney recebeu ontem uma pesquisa do Ibope com uma informação que achou boa e outra que considerou preocupante. O dado bom é a confirmação de sua popularidade: em um universo de 600 pessoas entrevistadas no Rio e em São Paulo, ele foi eleito "o maior líder político no Brasil", com 25,1 por cento (22,7 em São Paulo e 28,7 no Rio). A outra notícia é que um forte adversário, Paulo Maluf, está em segundo lugar, com apenas cinco pontos de diferença — 10,7 por cento —, embora seu favoritismo tenha se concentrado em São Paulo, onde está em plena campanha para o Governo do Estado (no Rio, Maluf tem apenas 0,7 do eleitorado).

Talvez a maior surpresa dos dados sobre sua popularidade seja a de que 50,2 por cento (46,3% no Rio e 53,0% em São Paulo) querem a manutenção de seu mandato até 1990. Nesse item, 10,8% defendem que seu mandato dure até 1989; 18,5% até 1988; 13% até 1987; 5% em outro período; e 2,5% não opinaram. Outro indicador do sucesso de seu Governo é que 77,1 por cento dessas pessoas acham que a futura Constituição deve permitir a reeleição de Sarney (76,3% no Rio e 77,7% em São Paulo). Dos entrevistados, 3,4 por cento não opinaram sobre o assunto, e 19,5 por cento acham que a nova Constituição não deve permitir sua reeleição (19,0% em São Paulo e 20% no Rio).

Na cidade de São Paulo, com 300 entrevistas em cada Capital. Outro item do trabalho aponta que 84,2 por cento do eleitorado confiam no Presidente Sarney (81% em São Paulo e 88,7% no Rio), contra 13,9 por cento (que não confiam) e 1,9 por cento (que não opinaram). O índice é considerado muito bom, mas outro dado mostrou que a confiança das pessoas no Presidente caiu em relação a duas pesquisas anteriores: no dia 28 de fevereiro, quando foi anunciado o Plano Cruzado, ele teve 88 por cen-



to; no dia 17 de abril, 92 por cento; até cair para 84 por cento, no último dia 3.

Com relação à sua atuação no Governo, 41,1 por cento dos entrevistados acham "boa" e 31,8 por cento "ótima", contra 21,7 por cento (regular), 2,8 (ruim), 2,0 (péssima) e 0,5 (não opinou). As medidas econômicas adotadas em fevereiro pelo Governo também tiveram boa aprovação: sobre se o nível de vida aumenta;

tou com o Plano Cruzado, responderam que melhorou; 38,7% disseram "não melhorou nem piorou"; 7,1% que piorou; 11,6% que piorou muito; e 5% que melhorou muito (0,2 por cento não respondeu).

O sistema de propaganda do Governo passou no teste da pesquisa: 61 por cento das pessoas responderam que tomaram conhecimento do Plano de Metas anunciado recentemente, contra 39,1 por cento que desconhecem o Plano. Para 20,6 por cento dessas pessoas, essas metas serão alcançadas antes de 1989; 15,3% acham que serão alcançadas depois de 1989; 12,4% que serão atingidas em 1989; 9,1% que não serão alcançadas; e 39,1% não tomaram conhecimento.

Sobre o acordo de integração econômica do Brasil com a Argentina, 57,2% são favoráveis; 9,7% contra; e 29% não sabem que acordo é esse.

Mas a que questões o Presidente Sarney deve dar maior atenção? A essa pergunta, o problema da segurança e violência ficou em primeiro lugar, com 60,2%; seguido de desemprego (42,8%); abastecimento e alimentos (39,2%); educação (37,5%); saúde (32,3%); custo de vida (28%); reforma agrária (22,4%); inflação (12,9%); transportes (7,6%); e democratização do País (6,7%).

Sobre o maior político do Brasil, além de Sarney e Maluf (primeiro e segundo colocados), estão pela ordem: Ulysses Guimarães (6,2%); Dilson Funaro (3,6%), Leonel Brizola (2,6%), Ermírio de Moraes (2,5%), Eduardo Suplicy (1%); Lula (0,7%), Nelson Carneiro (0,5%), Moreira Franco (0,4%), Aureliano Chaves (0,4%), Orestes Quérzia (0,4%), Mário Covas (0,2%), Rogê Ferreira (0,2%), Pimenta da Veiga (0,2%), João Sayad (0,2%), Jânio Quadros (0,2%), Dante de Oliveira (0,2%), Marcos Freire (0,2%), Luís Carlos Prestes (0,1%), Álvaro Valle (0,1%), Paulo Leone (0,1%). Não têm candidatos 6,9% e não responderam 37,4%

Presidente repele uso de máquina eleitoral

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney disse ontem que não acredita que nenhum Ministro de Estado colocará a máquina administrativa do Governo a serviço de partidos e candidatos. Sarney, de acordo com o Porta-Voz Fernando César Mesquita, reafirmou sua posição de neutralidade na campanha eleitoral, principalmente nos Estados onde não foi possível a consolidação da Aliança Democrática.

O Porta-Voz explicou que o fato de os Ministros se engajarem na campanha não representa o envolvimento do Governo, justamente porque nenhum deles deverá fazer uso do cargo para interesses eleitorais.

Ao contrário do que ocorreu nas eleições dos Prefeitos das Capitais, ano passado, desta vez, segundo fon-

tes do Governo, são raras as reclamações recebidas pelo Presidente a respeito da atuação de seus Ministros em favor de candidatos. Para o Governo esse dado é animador, uma vez que muitos dos atuais Ministros são patrocinadores diretos de candidaturas, e a ausência de reclamações por parte dos partidos que integram a Aliança, e que estão se dirigindo na maioria dos Estados, é um "excelente sintoma" de que o que está sendo usado é a liderança política individual de cada Ministro, e não o cargo que ocupa.

No Congresso tampouco se fizeram maiores reclamações à participação dos Ministros na campanha. Um exemplo é Pernambuco, onde o PMDB, teoricamente, teria contra si

a atuação do Ministro-Chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, patrocinador da candidatura de José Múcio, pelo PFL. Mas o candidato a Vice-Governador na chapa de Miguel Arraes, Deputado Carlos Wilson, nega que Maciel use a máquina do Governo a favor do PFL.

São Paulo, que detém Ministérios importantes, ao contrário, tem reclamado justamente da não participação de seus representantes. No caso o PMDB, na campanha de Orestes Quérzia. Nesse Estado, segundo parlamentares do próprio PMDB, têm sido muito discretas as participações dos Ministros Marco Maciel e Jorge Bornhausen, que apóiam o empresário Antônio Ermírio de Moraes.